

O SITIO DO VALONGO E CASARÃO DO COMENDADOR FERREIRA NETO



O QUE ESSE MATERIAL ABORDA?

APRESENTAÇÃO

1. O SÍTIO DO VALONGO E CASARÃO DO COMENDADOR

FERREIRA NETO

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

1.2 CADASTRO DE PATRIMÔNIO EDIFICADO

2. BIBLIOGRAFIA

APRESENTAÇÃO

Este texto traz o contexto histórico e social do sítio do Valongo e Casarão do Comendador Ferreira Neto, integrando o escopo do “Plano de Gestão do Patrimônio Cultural do Sistema Viário da Margem Direita do Porto de Santos, SP”.

A pesquisa foi realizada entre os anos de 2008 e 2014.

1. O SÍTIO DO VALONGO E CASARÃO DO COMENDADOR FERREIRA NETO

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

1.1.1 *Dos Vallis Longus aos Valongos*

Assim como se espalharam pela província romana da Hispania (que hoje compreenderia os territórios de Portugal e Espanha, a Península Ibérica) e pela Gália (grande parte do que é a França hoje) as cidades e localidades denominadas *Aquae*, para descrever sua forte marca associada às águas termais e aos tratamentos de saúde, também se disseminaram – inclusive na península itálica – os chamados *Vallis Longus*.

Uma denominação da paisagem, certamente, mas que ora se aplicou a cidades, ora a lugares dentro das cidades. Assim, na Itália atual ainda há a cidade de Vallelonga, bem como em Portugal há a cidade de Valongo. Contudo, no contexto do Reino de Portugal, ao longo e ao cabo de seu processo colonizador, o termo Valongo se espalhou pelo universo colonial descrevendo muito mais “espaços nas vilas e cidades” do que cidades em si, como havia sido no reino.

Não são poucos os Valongos que ainda existem em Portugal e no Brasil: os Valongos do Rio de Janeiro e Santos no Brasil, Valongo dos Azeites, Porto Valongo, Valongo de Cima e Valongo do Vouga (localidades em Portugal). Curiosamente, apesar de ser uma denominação comum em Portugal, parece ter sido pouco utilizada em outras possessões coloniais para além do Brasil.

De qualquer modo, os dois Valongos mais conhecidos na América Portuguesa – o de Santos, em São Paulo, e o do Rio de Janeiro – encontram-se em regiões portuárias, o que se explica pelo fato de ambas as cidades terem-se constituído no primeiro movimento para a colonização da América pelos lusitanos. Como durante séculos a colonização portuguesa tendeu a privilegiar a faixa litorânea – devido a diversos fatores bem conhecidos, o perfil de sua economia, a ausência de gente suficiente para as empreitadas interioranas, as dificuldades de transporte e comunicação, o desconhecimento de jazidas minerais relevantes, uma aptidão técnica para os mistérios náuticos, etc. – é absolutamente compreensível que, em certa medida,

no Brasil, os “valongos” tenham ficado associados às faixas litorâneas e, sobretudo, às regiões portuárias. Entretanto, em Portugal os “valongos” não possuem qualquer ligação indissociável à costa. Como a própria origem latina denuncia, valongo remete-se as calhas de cursos d’água, os “vales longos”, às vezes próximos ou desembocando no mar, às vezes não.

Nossos valongos litorâneos restam como um acaso proporcionado pela confluência de fatores geográficos e históricos: o surgimento de vilas (depois cidades) portuárias durante o primeiro avanço colonial português nas Américas, a existência de ribeirões que desaguavam no mar à altura desses núcleos colonizadores (inclusive como fontes de água potável) e o uso de uma denominação milenar para designar áreas dentro desses assentamentos.

1.1.2 O Valongo Santista

Há certa confusão em torno da definição do “Valongo” na cidade de Santos. Como analisado acima, o termo “valongo” vem de uma longa história relacionada a ocupação dos espaços e a nomeação do mundo, processo esse que se desdobra e mantém na expansão colonial latina e, depois, lusitana, já nos séculos XV e XVI.

Portanto, os “valongos” são paisagens, espaços e não edificações, como as Santas Casas e as Casas das Câmaras, ou delimitações jurídicas, como os rocios (áreas de três léguas de diâmetro marcadas a partir de um marco fundador, sobre as quais as Câmaras possuíam poderes administrativos quase plenos, durante boa parte do período colonial) e os termos (áreas de limite das vilas e cidades, mas sobre as quais as Câmaras possuíam poderes limitados) (GLEZER, 1992).

É claro que, como nomeação de uma paisagem, os nomes de “valongos” deviam ser aplicados a áreas que possuíssem as características geomorfológicas condizentes.

A vila de Santos surgiu do assentamento inicial estabelecido por Braz Cubas, no entorno do qual se implantaram no primeiro movimento de ocupação da região o Colégio dos Jesuítas, o Forte de Monte Serrat, o Outeiro de Santa Catarina, a Casa do Trem Bélico, a Casa da Câmara e Cadeia. O segundo movimento de expansão do sítio urbano se deu em direção e ao longo do caminho que acessava a vila, ou seja, onde hoje está estabelecida a estação da antiga São Paulo Railway.

Durante esse movimento se implantaram na área casas religiosas das chamadas “três religiões”, além da Companhia de Jesus: os carmelitas calçados (Ordem do Carmo), a dos

franciscanos (Ordem Primeira de São Francisco) e a dos beneditinos (Ordem de São Bento), cada uma escolhendo para si um sítio, porém respeitando o distanciamento regular entre as casas religiosas determinado pela Santa Sé.

Mais próxima ao núcleo original da vila ficaram os irmãos do Carmo. No sopé de um morro, bastante afastado e bem mais recolhido, ficaram os beneditinos e, próximo às margens do ribeirão São Bento (ou do Desterro) estabeleceram seu mosteiro dedicado a Santo Antonio os franciscanos.

Muito provavelmente, até então, as margens desse ribeirão deviam estar ocupadas com algum assentamento agrícola do século XVI, uma fazenda, sobre a qual pouco se sabe. O fato é que, em 1640, fundou-se o Convento de Santo Antonio do Valongo, tendo sua construção iniciado no ano seguinte. Ou seja, em meados do século XVII a região já era conhecida como “valongo”, e isso muito provavelmente graças ao ribeirão São Bento, que corria do interior e desaguava há uma milha mais ou menos do núcleo colonial santista, configurando um “vale longo”.

Na ausência de porto fisicamente organizado, a costa na altura da vila de Santos possuía uma série de trapiches empregados para o embarque e desembarque de mercadorias e pessoas. Um desses trapiches ficava na altura do ribeirão São Bento, ou seja, no Valongo. Esse trapiche passou a ser conhecido como “Porto do Bispo” após a breve estada do bispo designado para São Paulo, na segunda metade do século XVIII.

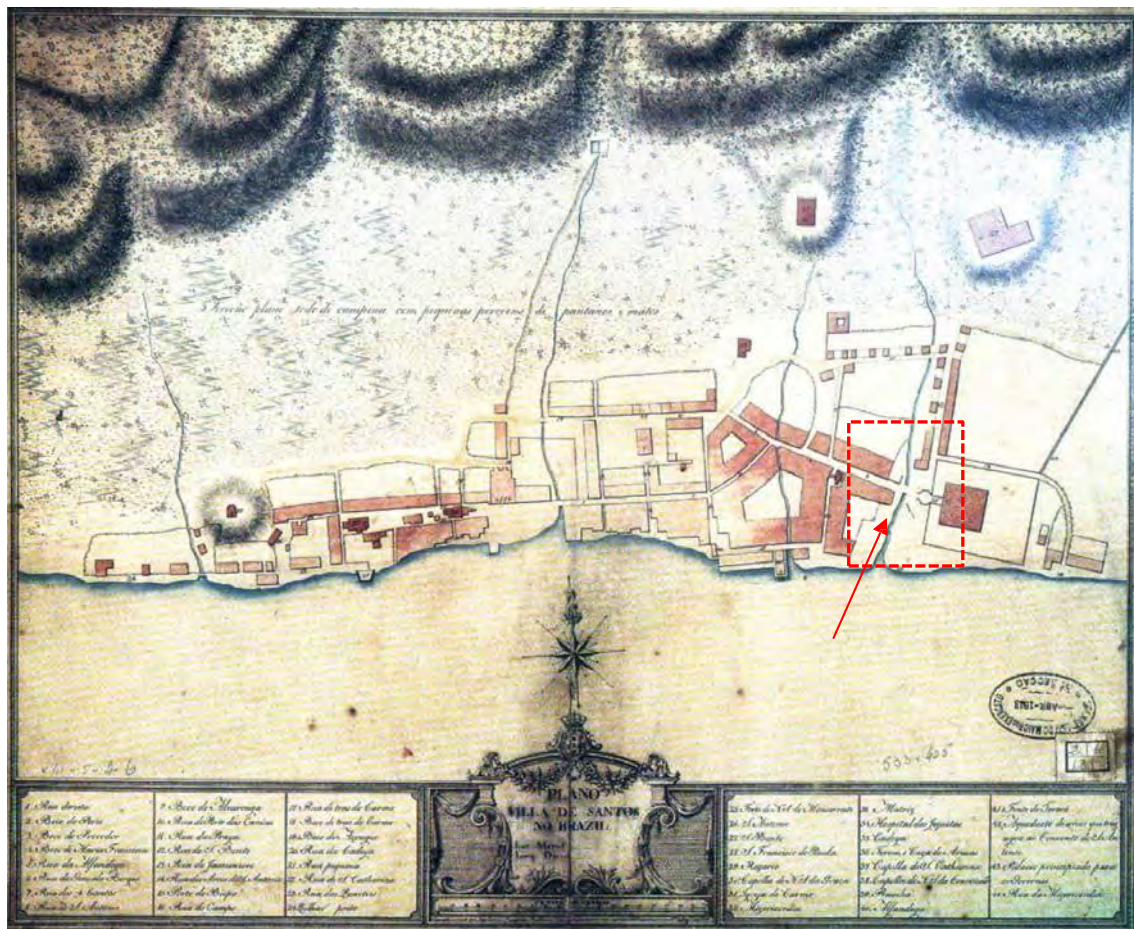


Figura 1 - Planta de Santos em 1798. O quadrado em vermelho, acompanhado de um quadrilátero apenas delineado, é o Convento de Santo Antonio do Valongo, e a linha em azul em frente terminando em um pequeno delta que liga ao mar, é o ribeirão São Bento.

De um lado, no centro da vila e em direção ao outeiro de Santa Catarina, os trapiches encontravam-se implantados em áreas de extrema ocupação, sobretudo do século XVIII em diante; de outro lado, em direção ao Valongo e além, os trapiches encontravam-se em áreas menos ocupadas por construções, até alcançarem a área que realiza a transição para o mangue, dos fundos do Convento de Santo Antonio em diante.

Com a construção do porto de Santos e o desaparecimento dos trapiches, no final da década de 1880, realizou-se alguma uniformização dessa linha costeira com o desaparecimento dos ribeirões que ali desaguavam. Entretanto, o termo Valongo não pode ser atribuído a toda esta linha portuária, mas apenas ao trecho que se estabeleceu na altura do Convento dos Franciscanos e da Estação da São Paulo Railway (inaugurada em 1867). O porto é o de “Santos”, o qual possui o seu setor do “Valongo”.

A área costeira do Valongo foi profundamente alterada pelas sucessivas construções realizadas na área desde o século XIX, primeiro para a implantação do terminal da ferrovia, depois com as obras da Companhia Docas de Santos, de modo que visualmente – sem recorrer à arqueologia – pouco do antigo Valongo foi preservado. Apesar de haver o registro de um suposto “sítio arqueológico do Valongo”, a questão mantém-se de modo absolutamente frágil. O suposto sítio foi definido da seguinte forma:

“O sítio Porto do Valongo encontra-se em área urbana, no Município de Santos, distando da cidade de São Paulo 70 Km, tendo como via de entrada a Estrada dos Imigrantes, Anchieta, Estrada de Ferro Santos- Jundiaí. É o maior porto da América Latina, a entrada e a saída da economia nacional. Localizado no centro do litoral do Estado de São Paulo, suas instalações estendem-se ao longo do estuário, limitado por duas ilhas, onde se localizam as cidades de Santos e Guarujá” (MAXIMINO, 1997: 133)

E continua a autora:

“As coordenadas geográficas são 24 graus 01’00” Latitude Sul e 46 graus 20’30” Latitude Oeste. (MAXIMINO, 1997: 133)

De acordo com esta descrição, absolutamente toda a área do porto – incluindo o patrimônio histórico reconhecido, as construções modernas e as que ainda estão em andamento – é considerada parte do “sítio Porto do Valongo”. Mas, pouco adiante, a mesma autora faz algumas indicações esclarecedoras a respeito do material arqueológico que foi “encontrado” no “sítio Porto do Valongo”:

“Devido o tipo de Sítio pesquisado, não foram realizadas escavações em grandes superfícies, mas propostas sondagens e trincheiras para se obter informações quanto ao depósito arqueológico e suas várias fases de ocupação, sondagens que viriam esclarecer as estruturas de fundação e as técnicas construtivas para a construção do antigo porto. O porto está situado em área considerada ainda de Segurança Nacional, e a permanência de estranhos ao seu serviço cotidiano é proibida. Dessa forma, a pesquisa foi baseada nos documentos escritos, nas fotografias, nas informações orais e na iconografia.” (MAXIMINO, 1997: 134).

Mesmo assim, sondagens e trincheiras, por menores que fossem poderiam indicar a existência de material arqueológico, porém:

“Não foi constatada a presença das antigas estacas e nem das muralhas, nessa sondagem de 1 metro de diâmetro. Para que isso ocorresse, haveria a necessidade de se

fazer uma escavação maior onde as antigas evidências ficassem expostas. As diferentes camadas que cobrem o atual solo teriam de ser removidas e, chegando-se até a profundidade de 11 metros, as antigas evidências seriam observadas. [...]
Como não foi possível fazer-se um acompanhamento durante as obras de ampliação, pois elas foram interrompidas pela falência da Portobrás, esse trabalho não pode ser desenvolvido e o trabalho de campo, no antigo Porto do Valongo, resumiu-se apenas, nas pesquisas dos documentos escritos, fotográficos e iconográficos. (MAXIMINO, 1997: 137)

Portanto, havemos de concluir, que o registro do sítio arqueológico denominado “Porto do Valongo” foi efetuado no sistema do IPHAN sem a existência de qualquer evidência material encontrada no local, sem sua delimitação efetiva – considerando a possibilidade de que se tivesse obtido alguma evidência material, nem qualquer rigor na definição do que é a área do “Valongo”. Da mesma forma a afirmação de que a 11 metros se encontrariam evidências materiais é uma hipótese especulativa.

Entretanto, vale ressaltar, que isso não exclui a possibilidade que se venha a encontrar algo na área do Valongo, significa que, neste momento e com estas informações disponíveis os únicos remanescentes materiais conhecidos do antigo Valongo são aqueles que se encontram sobre a superfície, ou seja: a Estação da antiga São Paulo Railway, o Santuário de Santo Antonio do Valongo, o Armazém 1 (na margem da linha de tráfego ferro-rodoviário), a Casa da Frontaria Azulejada, as estruturas sobreviventes do antigo casarão do Comendador Ferreira Neto, o conjunto de casarões (não tombados) localizados nas ruas do bairro e, acrescentaríamos, o traçado da área, o qual se remete parcialmente ao traçado original.



Figura 2 - Área do Valongo na planta de 1812, sobreposta à imagem atual de satélite. Indicados o Convento dos franciscanos e o dos beneditinos e, praticamente ligando os dois, o ribeirão São Bento ou do Desterro.



Figura 3 - Imagem atual do bairro do Valongo com seus limites aproximados.



Figura 4 - Área específica do Valongo na planta de 1812.



Figura 5 - Itens do patrimônio edificado na área do Valongo.

1.1.3 Céu e inferno do Valongo Santista

Pouco se alterou na paisagem do Valongo santista até meados do século XVIII, quando a casa dos padres de São Francisco se instalou na região. De 1740 até o final do século sucessivas obras foram realizadas, ampliando e acomodando melhor o convento de Santo Antonio do Valongo.

O surgimento dos trapiches também aumentou a movimentação na região, mas, até a implantação da estrada de ferro – já na segunda metade do século XIX – nenhuma modificação radical no perfil do Valongo foi percebida.

A região, é claro, passou a ser ocupada por casarões de comerciantes que operavam nos negócios envolvendo o porto. Esses mesmos casarões mantinham a morfologia recorrente nas regiões comerciais da América Portuguesa – como Recife, Salvador e Rio de Janeiro: no térreo funcionavam os armazéns, lojas, entrepostos e, nos andares superiores, em número de um ou dois, ficavam as residências dos próprios homens de negócio.

Santos, bem como várias vilas e cidades da América Portuguesa, viu ocorrer entre os séculos XVIII e XIX a transição de uma sociedade majoritariamente agrária e rural para uma sociedade mercantil e urbana (FREYRE, 1936). Obviamente que a economia da colônia, e depois do Império, continuava assentada na produção rural, porém o comércio passava paulatinamente a ter mais influência e peso nos negócios. Essa transição implicou também num re-arranjo social, com o surgimento de uma camada urbana capaz de influenciar nas decisões de Estado. Esse movimento amplo, de ordem política, econômica, social, cultural, material e urbanístico, acabou por dar nova vida às áreas urbanas dedicadas ao comércio, muito mais – esteja claro – às das cidades portuárias, portas da América Portuguesa para o restante do mundo.

Neste sentido Santos foi, entre os séculos XVIII e XIX, a cidade paulista que mais se assemelhou ao restante do Brasil (considerando aqui as áreas que concentravam a população e que controlavam a política e a economia). A cidade de Santos se assemelhava muito mais ao Rio de Janeiro, ao Recife ou mesmo Salvador do que com a capital, localizada no planalto e tão permeada de especificidades.

Com esse movimento, acentuado depois de 1808 através da abertura dos portos brasileiros às nações amigas de Portugal, o Valongo santista passou a concentrar, ou afunilar, o comércio regional, o que explica a invasão de sua área pelos casarões/casas de comércio, morfologia dual e intimamente associada nos séculos XVIII e XIX.

Nessa época, considerando o contexto da sociedade e cultura urbana do mundo originado da experiência colonial lusitana, o Valongo – em Santos – havia atingido o status de região privilegiada, concentradora dos negócios e dos homens de negócios. A arquitetura do Valongo era o que havia de melhor na cidade em termos de materiais e de conforto. Porém, na própria movimentação mercantil residia o gérmen de sua transformação radical, a qual levaria o Valongo do céu ao inferno social.

A tendência dos grupos abastados, ao longo do século XIX, com o surgimento de novas idéias a respeito do morar, da qualidade de vida e da higiene dos espaços urbanos, foi a de fugir das áreas centrais e partir para regiões mais distantes e dedicadas exclusivamente a habitação.

Se, até então, os espaços de trabalho e de moradia se confundiam no cotidiano, se senhores e escravos – nas áreas urbanas – muitas vezes ocupavam andares distintos das mesmas edificações, ao longo do século XIX isso mudou profundamente. Os espaços passaram por especializações, com a divisão radical entre os espaços de trabalho e o espaço de lazer ou descanso, o que acompanhou também uma evolução do capitalismo, com a divisão cada vez mais clara do tempo até então contínuo. Tanto quanto os espaços, o tempo passou a ser especializado. O tempo do trabalho, que durante milênios se misturava com o do lazer (considerando que também as noções de trabalho e lazer diferiam radicalmente) passou a se automatizar e se tornar progressivamente penoso.

Separar o trabalho do descanso fazia menos sentido em sociedades nas quais o trabalho não possuía o caráter extenuante e alienador que recebeu na era industrial. Da mesma forma, isso exigiu cada vez mais a apartação do espaço da intimidade do espaço coletivo, do recanto do lar da publicidade dos espaços de trabalho. Em suma, o século XIX – não somente, mas majoritariamente - foi o século da redefinição das atividades humanas, da divisão e da especialização dos espaços, dos tempos, dos homens (GAY, 2002).

Esse choque promoveu o esvaziamento gradual das áreas centrais, cada vez mais dedicadas à publicidade e ao trabalho. Os casarões deixaram de ter sua feição dual, abrigando apenas as famílias que não tinham condições de optar pelo recanto dos novos e distantes bairros.

A chegada da ferrovia em 1867 – com a conclusão da estação do Valongo da São Paulo Railway – apenas acelerou um processo que já ocorria em outras regiões da cidade, como o bairro do Paquetá.

O aumento da movimentação de pessoas e mercadorias favoreceu o comércio, mas decretou a mudança do perfil habitacional do Valongo. No lugar das famílias de comerciantes, as quais deixavam o bairro em busca de regiões novas e isoladas como José Menino, chegavam imigrantes e famílias pobres sem grandes opções para escolha. Paralelamente, na segunda

metade do século XIX a febre amarela tomou proporções assustadoras em Santos, aumentando o desejo de quem podia de abandonar as regiões próximas ao porto (LOPES, s/n).

A construção da estação da São Paulo Railway determinou também o fim da larga ocupação dos franciscanos no Valongo. A parte do entorno da igreja de Santo António, dedicada ao convento, foi vendida à SPR e demolida para a construção da estação. Por muito pouco a própria igreja não foi posta abaixo, alimentando uma série de lendas a respeito de sua “salvação” da demolição.

Também na segunda metade do século XIX foram construídos o casarão do Comendador Manoel Joaquim Ferreira Neto, entre 1867 e 1872, e a Casa da Frontaria Azulejada (edificada pelo mesmo proprietário).

O casarão, edificado para abrigar órgãos públicos, acabou por se tornar residência e, posteriormente, sede da Intendência e da Câmara de Santos. Após a retirada dos órgãos do prédio ele passou a ser ocupado por bares, hotéis e restaurantes, os quais foram paulatinamente deixando também o espaço, até que restou o abandono e a decadência. Em verdade, a decadência do Casarão do Comendador acompanhou a decadência de todo o Valongo, como é explicitado nas peças de teatro de Plínio Marcos, o qual retratou o bairro em suas obras escritas na segunda metade do século XX.

A partir do final da década de 1880 a linha costeira do Valongo também foi transformada radicalmente, com o desaparecimento dos antigos trapiches, substituídos pelo novo porto encampado pela Companhia Docas de Santos. Desse movimento duplo entre a ferrovia e o porto novo restou, como testemunho material, o Armazém 1², ao lado da estação da São Paulo Railway. Nesta mesma segunda metade do século XIX, e durante boa parte do

² A designação da numeração e da nomeação dos armazéns do porto de Santos sofre de uma ausência de normatização. Embora para os serviços portuários a numeração seja clara e consolidada, historiadores, memorialistas e arquivistas nomeiam recorrentemente o prédio anexo à estação da São Paulo Railway como sendo o Armazém 1. Neste texto, como são tratados assuntos relacionados ao universo do patrimônio histórico e cultural, adota-se a denominação utilizada pela bibliografia concernente. De qualquer modo, registre-se que, para fins burocráticos, o “Armazém I” é o das Docas, e para fins deste relatório adotamos tal nomenclatura para o edifício anexo ao da antiga estação do Valongo, assim como boa parte dos estudiosos do patrimônio de Santos. Registre-se também que a estação da São Paulo /Railway foi concluída em 1867 e o Armazém 1, o da Companhia Docas, em 1893. Embora pertencessem a empresas distintas, adota-se aqui que pertencem ao mesmo movimento histórico e econômico, de expansão da produção agrícola paulista na segunda metade do século XIX e, mais pontualmente, da organização e expansão das atividades de escoamento da produção através do porto de Santos.

século XX, o Valongo passou a ser cada vez mais ocupado por imigrantes, depois trabalhadores e, por fim, quando até estes se retiraram para bairros melhores, por famílias de baixa renda, além de moradores de rua e outros grupos sociais marginalizados.

Emblemáticos da decadência do Valongo foram os dois incêndios que reduziram, em 1985 e 1992, o Casarão do Comendador em ruínas, as quais somente se mantêm em pé graças às estruturas metálicas erguidas como uma espécie de exoesqueleto.

Contudo, a retomada da Casa da Frontaria Azulejada – restaurada e tornada aparelho cultural público da cidade –, deu o início de uma revitalização do bairro, e a passagem da linha do bonde turístico tem indicado a possibilidade de anos melhores para o Valongo.

1.2 CADASTRO DE PATRIMÔNIO EDIFICADO

O termo “Valongo”, originalmente estaria associado as características do local que até meados do século XIX, possuía feições condizentes com o que se configurava como um “Vale Longo” que acompanha grande parte do percurso do Ribeirão São Bento, atualmente ocupado pela mancha urbana, com rua de mesmo nome. Fontes iconográficas apontam que nas proximidades de onde desaguava o ribeirão estava localizado um pequeno porto (trapiche), conhecido como “Porto do Bispo” (**Figura 6**), denominado assim em função de uma breve estada do bispo designado para São Paulo na segunda metade do século XVIII.



Figura 6: A linha amarela corresponde aproximadamente ao primitivo traçado da costa. A linha azul (hoje avenida) indica o leito do córrego. Assim, no encontro das duas linhas estaria localizado o Porto do Bispo.

Diante de tais aspectos, muito provavelmente a região do Valongo constituía a linha de ocupações paralela ao Ribeirão São Bento, caracterizada até meados do século XIX pelo pequeno vale por onde passava o ribeirão com algumas construções espaçadas, e amplas áreas livres, típicas da ocupação caiçara. Ao final da atual avenida, no morro de São Bento estava localizado o Mosteiro e a Igreja de São Bento; mais abaixo a Igreja e o Mosteiro de Santo Antonio, com algumas edificações no mesmo lado da rua, conforme nos é dado saber por um pormenor do painel de Benedito Calixto (1822) no salão nobre do atual museu do café (**Figura 7**).

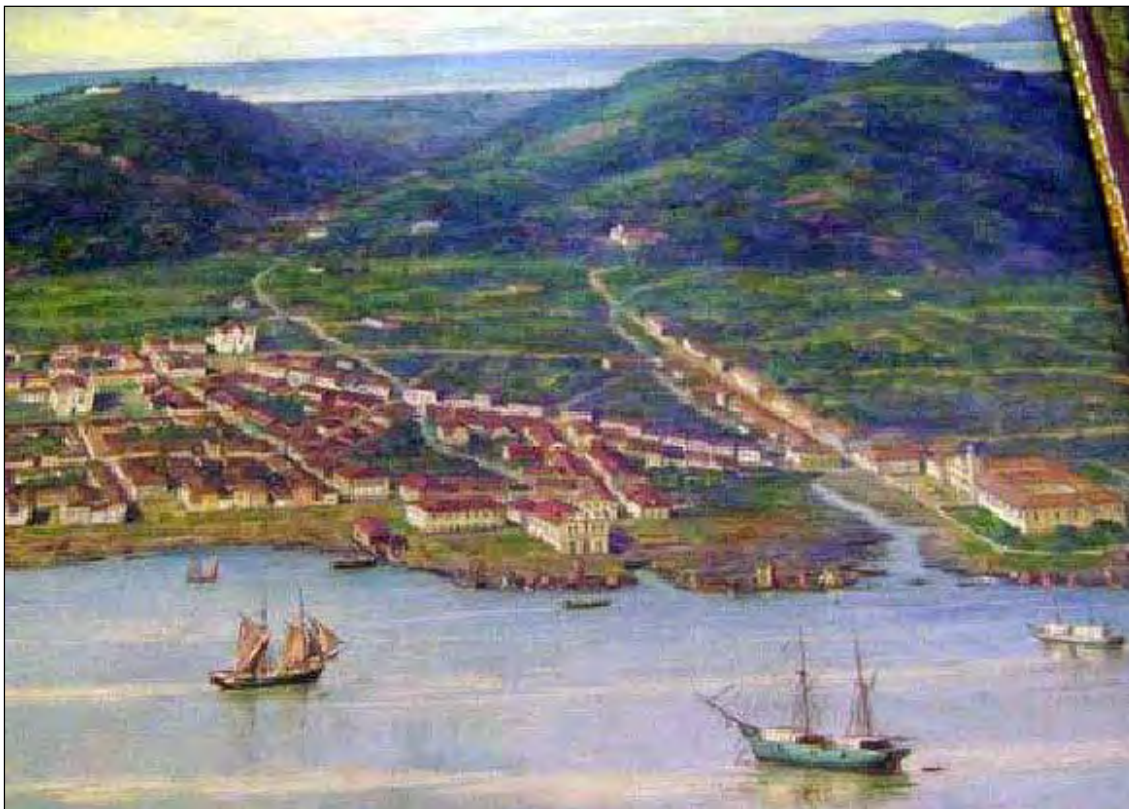


Figura 7 - Detalhe do painel de Benedito Calixto – Visto da Ilha Braz Cubas -1822 (Museu do Café)

Entretanto, conforme indicado anteriormente, ao longo do tempo o Valongo sofreu sucessivas alterações de ordem urbanística, promovendo intensas transformações na paisagem primitiva correlata ao que se convencionou chamar de Valongo em associação as características fisiográficas do espaço original. A par de tais transformações, a cidade pouco a pouco adquiriu novas feições, agora marcada por novas formas de uso e ocupação do espaço, onde o porto passa a constituir referência nos processos de crescimento econômico e urbano e como fator relevante para a formação sócio-cultural da sociedade santista (**Figura 8**).

Atualmente, segundo planta do abairramento da Prefeitura Municipal de Santos, o Valongo corresponde à área que se inicia a partir da Rua São Bento e segue afunilando a noroeste (sentido do Sabóó) terminando próximo do cruzamento da Rua Marquês de Herval com a Travessa Comendador João Cardoso. O outro trecho refere-se à área do Porto do Valongo que se inicia na confluência da Rua Senador Cristiano Otoni com a Avenida Engenheiro Augusto Barata e segue pelos armazéns 1, 2, 3 e 4 até a Praça Barão do Rio Branco, conforme mostra a **Figura 9**.



Figura 8 Detalhe do painel de Benedito Calixto – Visto do Morro do Pacheco 1922 (Museu do Café)

Diante de tais aspectos, há de se considerar que, ao longo de sua história, a área do Valongo foi profundamente alterada pelas sucessivas construções e reconstruções ocorridas desde o século XIX, imprimindo diversas marcas na Paisagem Cultural e indicando que, do antigo Valongo, pouco foi preservado, neste caso, representado por alguns remanescentes construtivos que ainda conseguiram sobreviver frente às idéias de modernidade que marcaram grande parte das cidades brasileiras.

Dentro deste contexto, e considerando que a área do primitivo Valongo teve suas feições primitivas completamente alteradas, entendemos que no contexto das atuais diretrizes para o Patrimônio Cultural a área do atual Valongo deve ser entendida a partir da evolução urbana e dos cenários de ocupação, devendo ser encarada sob a ótica do que se convencionou chamar de Paisagens Culturais, cujos remanescentes construtivos e arquitetônicos constituem testemunhos dos diversos períodos de ocupação e transformação do espaço, conferindo-lhe, portanto, caráter de singularidade em meio à mancha urbana e inspirando cuidados especiais em projetos urbanísticos a serem implementados pelos Poderes Públicos Municipais.

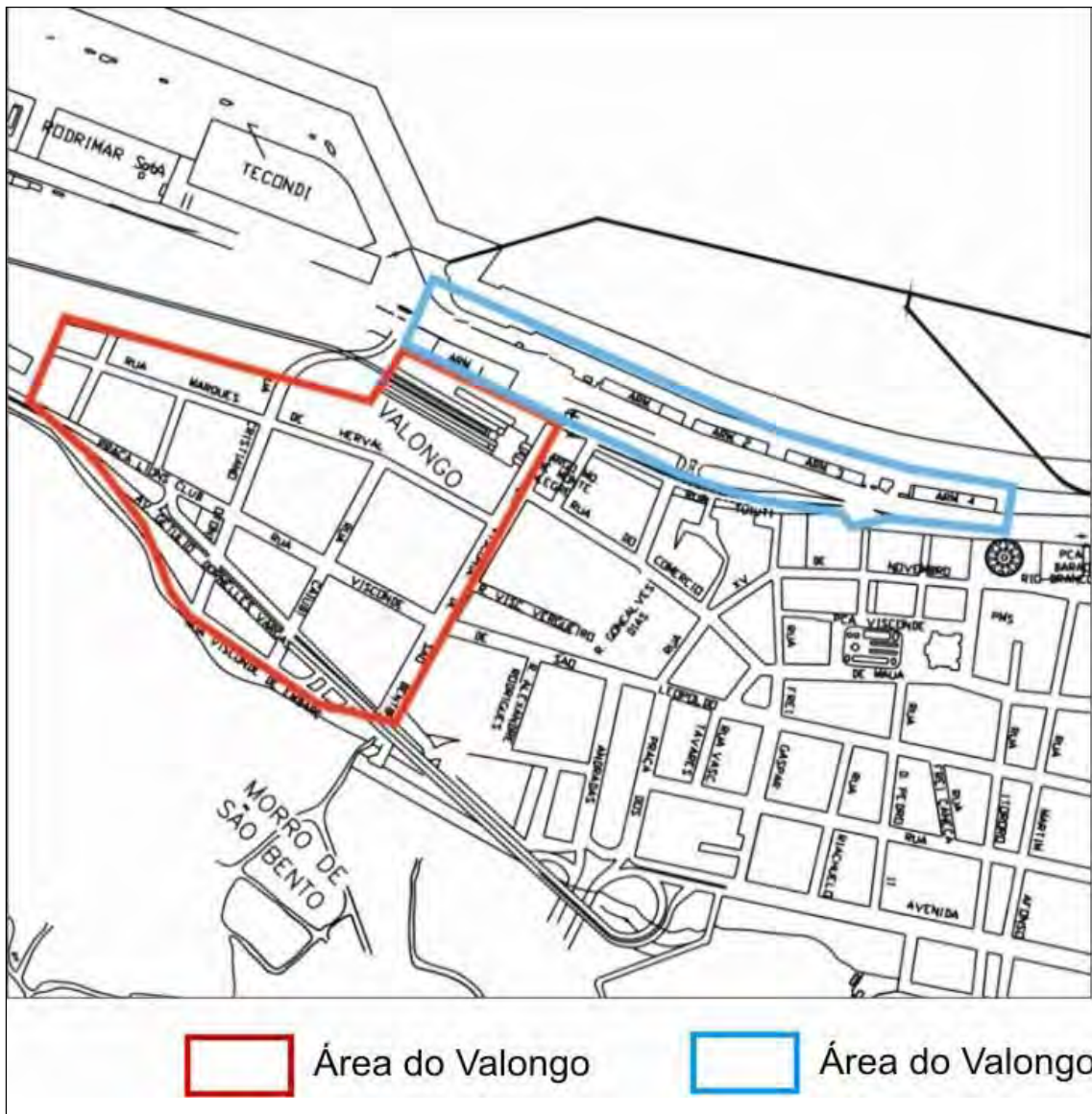


Figura 9 - Delimitação da área do Valongo.

Assim, os remanescentes materiais conhecidos do antigo Valongo são aqueles edificadas que se encontram sobre e superfície, ou seja:

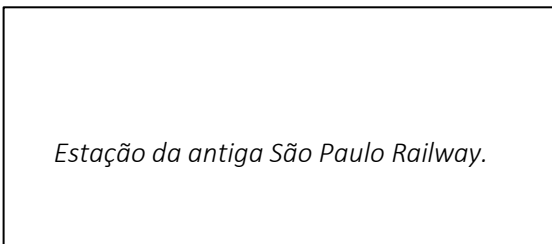
- a Estação da antiga São Paulo Railway;
- a Igreja de Santo Antonio do Valongo;
- o Armazém 1 (na margem da linha de tráfego ferro-rodoviário);
- a Casa da Frontaria Azulejada;
- as estruturas sobreviventes dos antigos casarões do Valongo, construídos pelo Comendador Ferreira Neto;
- acrescentaríamos, ainda, o conjunto de casarões (não tombados) localizados nas ruas do bairro e o próprio traçado da área, o qual remete parcialmente ao traçado original.

Para estas áreas, vide fichas dos imóveis, em anexo, bem como as *Pranchas 1 e 2*.

Prancha 1 - O Valongo primitivo (exemplares remanescentes).



Igreja de Santo Antonio do Valongo (1640).



Estação da antiga São Paulo Railway.



Ruínas dos Casarões do Valongo, construídos pelo Comendador Ferreira Neto (1867).



Casa da Frontaria Azulejada (1867).



Armazém I (século XIX).

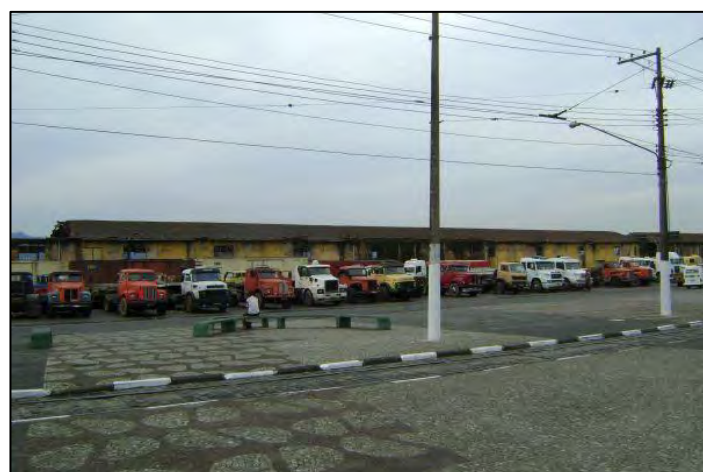
Prancha 2 - Fotos da área (delimitação urbana do Valongo – aspectos gerais).



Rua Marquês de Herval (Notar o conjunto de estética eclética)



Rua São Bento esquina com a Rua do Comércio (Notar as edificações de períodos distintos)



Área do porto que faz frente para o Largo Marquês Mote Alegre

Rua Marquês de Herval (conjunto de estética eclética).



Rua do Comércio.



Avenida Visconde de São Leopoldo.



Rua São Bento (Notar as edificações de períodos distintos).



Rua do Comércio (notar que os imóveis de configuração tipicamente eclética).



Avenida Visconde de Vergueiro.

**SISTEMA VIÁRIO DA MARGEM DIREITA DO PORTO DE SANTOS / SP ÁREA DO
MERGULHÃO
Cadastro do Patrimônio Arquitetônico**

	Imóvel	Armazéns I (Antigo)
	Endereço	Av. Eng. Augusto Barata, sn
	Município	Santos - SP
	Implantação	Urbana
	Arquitetura	Comercial
	Coordenadas	23k 0364323 / UTM 7352913

Período Estimado das Construções: Século XIX / 2ª metade

Tipologia de Ocupação: Térrea

Número de Pavimentos	1 pavimento				
Recuos	Edificação Isolada	Entrada	Frontal e Lateral	Jardim	Inexistente
Técnica Construtiva	Pedra e cal				

Revestimento: Argamassa de areia e cal **Pintura**

/ Cor predominante: Cal / Ocre **Cor dos**

elementos Decorativos: Branca

Estado de Conservação: A - Satisfatório / B - Médio / C - Ruim

	Janela	B	Parede
	Porta	C	Condição Higiênica
C	Fachada		Cobertura
C	Pintura	C	Elementos decorativos

Envasaduras: Curvas

Esquadrias:

Portas			Bandeira	
Janelas			Bandeira	
Cor		Caixilhos		Batentes

Cobertura:

Nº. de águas		C/ Platibanda
Telha		

Presença de Modenatura:

Cimalha			
Cimalha			

Fotos detalhamento:



Vista.



Detalhe de vão.



Detalhe de modenatura.



Detalhe da Parede em pedra e cal

**SISTEMA VIÁRIO DA MARGEM DIREITA DO PORTO DE SANTOS / SP ÁREA DO
MERGULHÃO**
Cadastro do Patrimônio Arquitetônico

	Imóvel	Estação da São Paulo Railway
	Endereço	Largo Marquês de Monte Alegre, sn
	Município	Santos - SP
	Implantação	Urbana
	Arquitetura	Ferroviária
	Coordenadas	23k 0364352 / UTM 7352818

Período Estimado das Construções: Século XIX / 2ª metade (1867)

Tipologia de Ocupação: Assobradada

Número de Pavimentos		2 pavimentos		C/ Torre e Alpendre frontal	
Recuos	Edificação Isolada	Entrada	Frontal	Jardim	Inexistente
Técnica Construtiva		Pedra e cal			

Revestimento: Argamassa de areia e cal

Pintura / Cor predominante: Látex/ Ocre **Cor**

dos elementos Decorativos: Ocre

Estado de Conservação: A - Satisfatório / B - Médio / C - Ruim

A	Janela	A	Parede
A	Porta	A	Condição Higiênica
A	Fachada	A	Cobertura
A	Pintura	A	Elementos decorativos

Envasaduras: Retas

Esquadrias:

Portas	Madeira	Folha cega com almofadas	Bandeira	Retas	
Janelas	Madeira e Vidro	Folha cega / Vidraça de abrir	Bandeira	Retas	
Cor	Marrom	Caixilhos	Marrom	Batentes	Marrom

Cobertura:

Nº. de águas	Não identificado	C/ Platibanda e Camarinha
Telha	Francesa	

Presença de Modenatura:

Cimalha	Pináculo	Relevos decorativos	
Cunhal	Escultura	Lambreuim	
Capitel	Barrado		

Impactos

Estacionamento		
----------------	--	--

Proteção existente:

CONDEPASA - Proc. 44949/92-86, Resolução SC 5/93 de 31/08/93.

Fotos detalhamento:



Vista



Detalhe da Torre do Relógio



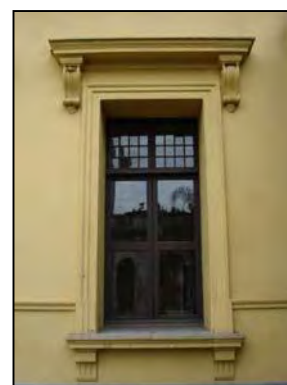
Detalhe da marca do fabricante da estrutura metálica do alpendre Frontal



Detalhe da coluna decorada de ferro fundido do alpendre frontal



Porta com molduras na padieira.



Janela com molduras na padieira e no peitoril.

**SISTEMA VIÁRIO DA MARGEM DIREITA DO PORTO DE SANTOS / SP ÁREA DO
MERGULHÃO**
Cadastro do Patrimônio Arquitetônico

	Imóvel	Casarão do Valongo / Comendador Ferreira Neto)
	Endereço	Largo Marquês de Monte Alegre, sn
	Município	Santos - SP
	Implantação	Urbana
	Arquitetura	Residencial
	Coordenadas	23k 0364367 / UTM 7352809

Período Estimado das Construções: Século XIX / 2ª metade (1867 / 1872)

Tipologia de Construção: Assobradada

Número de Pavimentos		2 pavimentos		C/ Torre e Alpendre frontal	
Recuos	Edificação Isolada	Entrada	Frontal	Jardim	Inexistente
Técnica Construtiva		Pedra e cal			

Revestimento: Argamassa de areia e cal **Pintura /**

Cor predominante: Cal / Branca **Cor dos**

elementos Decorativos: Branca

Estado de Conservação: A - Satisfatório / B - Médio / C - Ruim

	Janela	C	Parede
	Porta	C	Condição Higiênica
C	Fachada		Cobertura
C	Pintura	C	Elementos decorativos

Envasaduras: Curvas

Esquadrias:

Portas	Metal	Grandes	Bandeira	
Janelas	Metal e Vidro	Vidraça	Bandeira	
Cor	Cinza	Caixilhos	Batentes	

Cobertura:

Nº. de águas		C/ Platibanda
Telha		

Presença de Modenatura:

Cimalha	Cantaria		
Cunhal	Azulejo		
Soco			

Proteção existente:

CONDEPHAAT - Proc. 429/74, Resolução SC n.º4 de 3/2/83.

CONDEPASA - Proc. 16731, Resolução SC 01/90.

Fotos detalhamento:



Vista

Vista interna



Detalhe da fachada

Detalhe da parede de pedra e cal



Detalhe do Soco em cantaria.



Data de construção do prédio no azulejo decorativo (1867)



Vão de porta em "Arco Pleno"

SISTEMA VIÁRIO DA MARGEM DIREITA DO PORTO DE SANTOS / SP FRENTE 6

Cadastro do Patrimônio Arquitetônico

	Imóvel	Igreja e Convento de Santo Antonio do Valongo
	Endereço	Largo Marquês de Monte Alegre, sn
	Município	Santos - SP
	Implantação	Urbana
	Arquitetura	Religiosa
	Coordenadas	23k 0364316 / UTM 7352806

Período Estimado das Construções: Século XVII / 1ª metade (1640)

Tipologia de Ocupação: Térrea

Número de Pavimentos		2 pavimentos		C/ Torre Lateral e Galilé	
Recuos	Edificação Isolada	Entrada	Frontal	Jardim	Frontal
Técnica Construtiva		Pedra e cal			

Revestimento: Argamassa de areia e cal **Pintura /**

Cor predominante: Cal / Branca **Cor dos**

Elementos Decorativos:

Estado de Conservação: A - Satisfatório / B - Médio / C - Ruim

A	Janela	A	Parede
A	Porta	A	Condição Higiênica
A	Fachada	A	Cobertura
A	Pintura	A	Elementos decorativos

Envasaduras: Curvas

Esquadrias:

Portas	Madeira	Folha cega com almofadas	Bandeira		
Janelas	Madeira e vidro	Folha cega / Vidraça de abrir	Bandeira		
Cor	Cinza	Caixilhos	Cinza	Batentes	Cinza

Cobertura:

Nº. de águas	4 águas	C/ Beiral
Telha	Capa canal	

Presença de Modenatura:

Cimalha	Pináculo	Volutas	
Cunhal	Frontão	Relevos decorativos	
Óculo	Barrado		

Impactos

Estacionamento		
----------------	--	--

Proteção existente:

CONDEPASA - Proc. 44951/92-28, Resolução SC 02/93 de 31/08/93.

CONDEPHAAT – Proc. 22391/82, Resolução SC 44 de 28/9/95

Fotos detalhamento:



Frontispício da nave principal



Esquadrias



Porta principal



Janela Balcão

Beiral denominado "Beira de sobeira" ou "Beiral de Algeroz"



Bancos decorados com talha de madeira



Painel de azulejo decorado

SISTEMA VIÁRIO DA MARGEM DIREITA DO PORTO DE SANTOS / SP FRENTE 6

Cadastro do Patrimônio Arquitetônico

	Imóvel	Casa da Frontaria Azulejada
	Endereço	Rua do Comércio, 92 e 98
	Município	Santos - SP
	Implantação	Urbana
	Arquitetura	Residencial / comercial
	Coordenadas	23k 0364316 / UTM 7352806

Período Estimado das Construções: Século XX / 2ª metade (1865)

Tipologia de Ocupação: Assobradada

Número de Pavimentos	2 pavimentos				
Recuos	Sem recuops	Entrada	Frontal	Jardim	Inexistente
Técnica Construtiva	Pedra e cal				

Revestimento: Argamassa de areia e cal / Azulejo

Pintura / Cor predominante: Cal / Branca

Cor dos elementos Decorativos: Branca

Estado de Conservação: A - Satisfatório / B - Médio / C - Ruim

A	Janela	A	Parede
A	Porta	A	Condição Higiênica
A	Fachada	A	Cobertura
A	Pintura	A	Elementos decorativos

Envasaduras: Curvas

Esquadrias:

Portas	Madeira	Folha cega com almofadas	Bandeira	Curvas	
Janelas	Madeira e vidro	Folha cega / Vidraça de abrir	Bandeira	Curvas	
Cor	Bordô	Caixilhos	Bordô	Batentes	Bordô

Cobertura:

Nº. de águas	Não indentificado	C/ Platibanda
Telha	Não indentificado	

Presença de Modenatura:

Cimalha	Soco	Azulejos	
Cunhal	Frontão		
Cantaria	Barrado		

Impactos

Estacionamento		
----------------	--	--

Proteção existente:

CONDEPASA
CONDEPHAAT

Fotos detalhamento:



Detalhe da frontaria



Azulejos decorativos

2. BIBLIOGRAFIA

- ALENCASTRO**, Luiz Felipe de, *O trato dos viventes; a formação do Brasil no Atlântico sul, século XVI e XVII*, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ARAUJO FILHO**, José Ribeiro de, *Santos, o porto do café*, tese de livre docência, Rio de Janeiro: s/n, 1967.
- BOSI**, Alfredo, *Dialética da colonização*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BOXER**, Charles, *O Império marítimo português, 1415-1825*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRAUDEL**, Fernand, *Memórias do Mediterrâneo, Pré-História e Antiguidade*, Lisboa: Terramar, 2001.
- CERTEAU**, Michel de, *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. 2 ed., volume 1, Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____, *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. 2 ed., volume 2, Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____, *A Cultura no Plural*, Trad.: Enid Abreu Dobranszky, Campinas: Papyrus, 1995.
- CODESP & IOS**, 2005. Projeto de identificação de ninhas e avifauna nas mediações do Rio Saboó - Relatório Final - CODESP / Instituto Oceanográfico de Santos - Fundação Victorio Lanza - contrato DP/13. 2005.
- CROUZET**, Maurice, *História geral das civilizações, Vol. 4, Roma e seu Império: as civilizações da Unidade Romana*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- FREYRE**, Gilberto, *Sobrados e mucambos: a decadência do patriarcado no Brasil e o desenvolvimento do urbano*, São Paulo: Editora Nacional, 1936.
- GAY**, Peter, *O século de Schnitzler (1815-1914)*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GLEZER**, Raquel, *Chão de terra*, tese de livre docência, São Paulo: FFLCH/USP, 1992.
- HARTOG**, François, "Regime de Historicidade", in: <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html>, tradução de: **PIRES**, Francisco Murari, a partir de: KVHAA *Konferenser* 37: 95-113 Stockholm 1996.
- _____, *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- HOLANDA**, Sérgio Buarque de, *Raízes do Brasil*, 26ª. Ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____, *História geral da civilização brasileira, Volume 1, Tomo 1*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- LOPES**, Beltrada, *O porto de Santos e a febre amarela*, dissertação de mestrado, São Paulo: FFLCH/USP, s/n.

MAXIMINO, Eliete Pythagoras, *O porto de Santos e o portinho dos piratas em perspectivas: um estudo de arqueologia industrial*, tese de doutorado, São Paulo: MAE/USP, 1997.

MITHEN, Steven, *Depois do gelo: uma história humana global 20.000 – 5.000 a.C.*, Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____, *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*, São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

MORI, Victor Hugo *et alli*, *Arquitetura militar: um panorama histórico a partir do Porto de Santos*, São Paulo: Imprensa Oficial, 2003.

NORFOLK & ESSENCIS, 2006. Diagnóstico detalhado complementar – arredores a sul do antigo Lixão de Alemoa. Norfolk Distribuidora Ltda. / Essencis Remediação S.A. – São Paulo/SP - Projeto 8152 - Agosto / 2006.

NOVAIS, Fernando Antonio, *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*, São Paulo: Hucitec, 1995.

RIBEIRO, Darcy, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.